

Norte, Nordeste e Centro-Oeste destoam e lideram alta do PIB

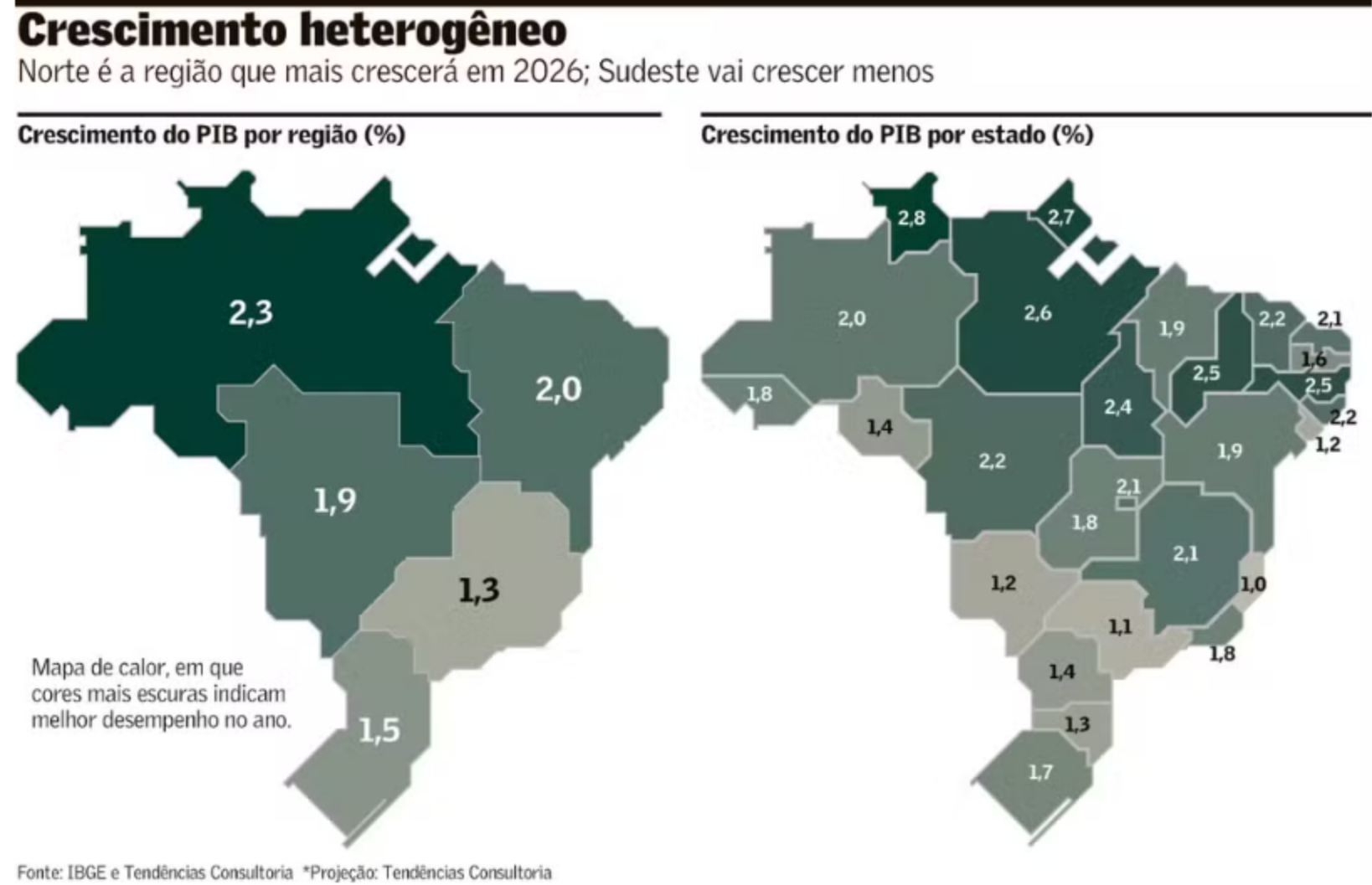
Emprego e programas sociais devem puxar nível de atividade junto com setor de extração mineral; Sudeste terá a menor expansão

Por **Marcelo Osakabe** — De São Paulo

23/02/2026 05h01 · Atualizado há 20 horas

Ajudadas por fatores específicos a cada região, Norte, Nordeste e Centro-Oeste vão liderar o crescimento econômico em 2026. Em um ano em que a atividade caminha para uma desaceleração no país após crescer perto de 2%, o PIB dessas três regiões deverá crescer acima da média esperada.

A projeção consta de um estudo da Tendências Consultoria, para quem a alta do PIB brasileiro deve desacelerar de 2,3% em 2025 para 1,6% neste ano. Se no ano passado a agropecuária e o mercado de trabalho resiliente foram os principais fatores de sustentação da atividade, em 2026 a consultoria avalia que as políticas de estímulo do governo e a retomada da indústria extrativa vão ajudar a mitigar o efeito do juro alto. O Nordeste, que tem o terceiro maior peso no PIB (13,8%) brasileiro entre as cinco regiões, deverá sustentar um crescimento de 2,3% neste ano, nos cálculos de Camila Saito, sócia da Tendências e autora do estudo. Em sua avaliação, a região ainda deverá ser beneficiada pelo mercado de trabalho resiliente e pelo setor de serviços, na esteira da maior renda disponível por causa da presença de programas sociais como o Luz para Todos e Gás para o Povo, bem como a reforma do Imposto de Renda.



“A indústria nordestina também deverá ter um cenário melhor que em 2025, ano marcado por algumas paradas para manutenção em parques de refino de petróleo em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. Do lado do agro, esperamos também um desempenho relativamente positivo mesmo após o forte crescimento da agricultura ano passado, marcado pela alta das culturas de algodão, soja e milho. Este ano, a produção de cana deve voltar a ser destaque”, afirma Camila Saito.

Principal fronteira agrícola do país nas últimas décadas, o Centro-Oeste também deverá ter desempenho acima da média nacional este ano. Em 2025, o PIB regional cresceu 3,9%, em grande parte por causa da agropecuária, que saltou 16,7%. Neste ano, no entanto, o PIB agro deve contrair 2,6%, o que deve cortar pela metade (1,9%) o crescimento da região como um todo. “É uma desaceleração importante, só que mais por causa da base de comparação alta. Prevemos queda apenas ligeira em 2026 da agropecuária, e mesmo isso pode acabar não se concretizando”, pondera a economista, em referência às melhoras sucessivas nas projeções da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para o desempenho deste ano.

Em sua última atualização, a entidade revisou sua estimativa para a safra 2025/2026 para alta de 3,8% da produção de soja, para 177,9 milhões de tonelada. A projeção para a safra de milho, no entanto, continua a ser de queda - agora para 138,4 milhões de toneladas, ou 1,9% abaixo de 2025. Por outro lado, a pecuária - outro braço importante da economia da região - deve sofrer este ano com a redução da produção de carne bovina, por causa do ciclo do boi, ou o momento em que os produtores começam a reter fêmeas para recompor seus rebanhos. Responsável pela menor fatia do PIB (5,8%) e da massa de renda (5,6%) brasileira, o Norte deverá novamente experimentar um dos crescimentos mais vistosos entre as cinco regiões brasileiras em 2026: avanço de 2,3% - igual ao do Nordeste -, após alta de 4,1% em 2025. Assim como no Centro-Oeste, a agropecuária também transitará de um crescimento de dois dígitos em 2025 para queda pequena em 2026 - de 14,8% para -0,7%.

Por outro lado, a região deve registrar bons desempenhos sobretudo em dois setores: a indústria extrativa e turismo. “No primeiro caso, a melhora deve refletir principalmente o fim das interrupções para manutenção em minas da Vale. Já o segundo ainda colhe os frutos da realização da COP30. No Brasil, o turismo cresceu 4,6% em 2025, mas 11,5% no Amazonas e 7,8% no Pará”, ressalta Saito. Região de maior peso econômico para o Brasil - com 53% do PIB e 51,9% da massa de renda -, o Sudeste deverá amargar um crescimento de apenas 1,3%. “Pela sua importância, o Sudeste é quem joga para baixo o desempenho nacional. E 2026 será modesto justamente por causa do desempenho negativo da indústria de transformação, mais dependente do ciclo econômico e dos investimentos”, explica a economista.

Queda da produção de proteína bovina deve elevar os preços e, com isso, a renda do setor

— Felipe W. França

Em ambiente de juros ainda contracionistas, é a indústria extrativa que vai carregar o desempenho do setor. No caso da mineração, destaque para a entrada em operação de novos empreendimentos em Vargem Grande e a expansão da mina Casa de Pedra, ambos em Minas Gerais. Já na produção de petróleo, é esperada uma maior produção de plataformas que entraram em operação no Rio de Janeiro em 2024 e 2025 e também a entrada em operação de uma nova plataforma, esperada para o segundo trimestre.

Paralelamente, a agropecuária também deverá ter desempenho positivo, ajudada pela recuperação das lavouras de cana de açúcar e café, bem como novo recorde da produção de soja em São Paulo. Por fim, a região Sul deve crescer 1,5% este ano, nos cálculos da consultoria. O destaque fica para a continuidade da recuperação da agricultura na região após a estiagem que afetou sobretudo o Rio Grande do Sul. A expectativa de um La Niña de intensidade mais fraca em 2026 também contribui para a melhora da perspectiva local - o fenômeno climático costuma trazer seca, principalmente para o Estado gaúcho.

O Bradesco tem uma projeção para o PIB brasileiro bem parecida com a da Tendências - espera alta de 1,5% este ano. O banco, no entanto, vê diferenças regionais importantes. Em sua avaliação, a região que mais crescerá este ano sera novamente a Centro-Oeste, com alta de 2,5%. “Além da safra, a queda da produção de proteína bovina deve elevar os preços e, com isso, a renda do setor pecuário”, diz o economista Felipe Wajskop França.

Ele também vê o Sul beneficiado pelo mesmo fator, mas por vias diferentes. “É uma região forte na produção de suínos e aves. E, quando ocorre uma alta dos preços da carne bovina, isso acaba beneficiando as demais proteínas também, já que são substitutos”, diz. O banco espera crescimento de 1,8% do PIB na região.

O Nordeste, por sua vez, deverá registrar o crescimento mais baixo este ano, de 1%. “Apesar de ser a região mais beneficiada pela isenção do Imposto de Renda, ela tem o maior patamar de desemprego no Brasil - 8,1% contra 5,8%, segundo os últimos dados da Pnad trimestral. Então o consumo deve desacelerar mais do que em outras regiões”, explica França.

O patamar restritivo da política monetária também deve continuar prejudicando as perspectivas do Norte, por causa da Zona Franca de Manaus, e do Sudeste - o Bradesco espera alta do PIB de 1,4% para ambos neste ano.